Os critérios de seleção nos livros de Teorias da Comunicação[1]

Rodrigo Miranda BARBOSA[2]
Universidade Federal de Pernambuco - CAA, Caruaru, PE

RESUMO

A história do campo comunicacional é uma história recente e conturbada. Problemas que estão desde o início dessa trajetória como a definição do conceito de comunicação, objeto de estudo, e interdisciplinaridade se alastram até mesmo nos livros de Teorias da Comunicação. O presente artigo discute os problemas nas definições da Teoria da Comunicação ao analisar, em três obras teorográficas, os critérios utilizados para selecionar as teorias que iriam compor estes livros. Conclui-se que apesar dos esforços dos autores ainda não são apresentados critérios bem definidos para as suas seleções de teorias para compor estes livros.

PALAVRAS-CHAVE: Epistemologia da Comunicação; Teorias da Comunicação; Teorografia

Introdução

A história do campo comunicacional é uma história recente. E as formas pelas quais essa história é representada é objeto de estudo dos acadêmicos desta área de conhecimento, a partir da alcunha de "Epistemologia da Comunicação". Quando pretendemos conhecer uma área de conhecimento, compreender sua formação e seus principais conceitos, teorias e textos clássicos onde procuramos? Quando começamos a empreender tal jornada no campo da Comunicação? Segundo L. C. Martino (2006) o desenvolvimento do pensamento comunicacional pode ser dividido em cinco fases.

A primeira fase contempla o período anterior a 1920, considerado como Pré-científico. O campo comunicacional surge diretamente ligado aos modernos meios de comunicação, a mercantilização da informação, a intervenção da técnica e centralidade dos meios de comunicação na organização da sociedade complexa. É um caminho que vem desde a invenção da prensa móvel por Gutenberg, passando pelo seu uso sistemático por jornais no final do século 19. Nesse período, a discussão não é

[1] Trabalho apresentado na DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.
[2] Doutor em Comunicação, professor no Núcleo de Design e Comunicação da UFPE/CAA, rmbdesign@gmail.com

propriamente científica sobre o processo comunicacional, mas de fim opinativo em que intelectuais e figuras públicas debatem as questões da atualidade.

A segunda fase, denominada "flerte com a ciência", refere-se ao período de 1920-1930. A discussão sobre a influência da imprensa começa a empregar análises científicas, como é o caso do livro de Walter Lippmann no seu *Public Opinion* (1922). Ainda não são trabalhos propriamente científicos, mas que ilustram suas opiniões com dados de pesquisas científicas.

O período compreendido entre 1940 e 1950 é considerado a terceira fase da pesquisa em comunicação e, agora sim, entramos no território da cientificidade. Ela é marcada por profusão de novas pesquisas diante do contexto da segunda guerra mundial e a necessidade de informação. Começa o investimento governamental massivo em pesquisas, a fim de analisar os efeitos dos meios de comunicação e o uso dos meios (imprensa, rádio, cinema). A contribuição para compreender esse cenário vem de teóricos das mais diferentes áreas como psicologia, sociologia e ciência política.

A quarta fase, de 1960 a 1970, é um período de ceticismo, pois é quando se inicia o debate epistemológico da área assim como a sistematização teórica. A discussão sobre o estatuto disciplinar da Comunicação só veio a crescer a partir da década de 1960, quando o pesquisador americano Wilbur Schramm (1963) indica quatro autores como os pais fundadores da Comunicação (ainda que nenhum deles tenha reivindicado tal título): Paul Lazarsfeld, Kurt Lewin, Carl Hovland e Harold Lasswell. Mesmo que se discorde dos argumentos e dos autores indicados por Schramm, o que interessa aqui é: abriu-se a discussão sobre o estatuto do campo.

O problema apresentado, que é resultado desse debate, é a compreensão de que a Comunicação não pode avançar para um estatuto disciplinar, pois o campo recebeu contribuições de várias disciplinas e/ou o processo da comunicação está contido em todos estes saberes. Ou seja, existe um ceticismo em relação a capacidade de o pensamento comunicacional instituir de fato uma disciplina. Outro movimento é uma crítica à própria ideia de disciplina vista como uma forma de disputa de poder ou de cerceamento da liberdade científica ao dividir o saber. Dessa forma o campo é visto como interdisciplinar.

A última fase, que contempla da década de 1980 até o presente, é vista como a instituição da interdisciplinaridade. Segundo Luiz Claudio Martino (2006, p. 43), uma

nova concepção de interdisciplinaridade passa a dominar o cenário do campo, fazendo que o saber comunicacional seja encarado como sinônimo de interdisciplinaridade. Essa concepção indica que não há necessidade de discussão sobre a epistemologia da área.

Concomitantemente, nos anos 90, há um ressurgimento do debate mais aprofundado com a edição célebre do *Journal of Communication* intitulado "*Ferment in the Field*" (1983) com o subtítulo *Communication Scholars Address Critical Issues and Research Tasks of the Discipline*, a qual tinha como objetivo implementar seriamente uma discussão epistemológica sobre o *status* e formação da área de conhecimento.

Ainda assim, a Comunicação é vista como uma área interdisciplinar e a noção de campo se estabelece sem críticas, ora de forma neutra para se referir a um domínio de estudos, ora como posição epistemológica ligada à interdisciplinaridade.

Há uma crença geral de que o campo comunicacional é diverso e, em termos gerais, a diversidade é vista com bons olhos (MARTINO, L. C., 2006, p. 37). Em poucos momentos houve questionamentos de até que ponto essa diversidade seria, na verdade, uma dispersão (em um campo que tem pouco interesse nas precisões teóricas).

Tal problemática teórica acaba produzindo e sendo produzida pela literatura da nossa área, assim como nos nossos cursos de teorias da comunicação, onde nossos estudantes se familiarizariam com as teorias do campo.

Podemos dizer que o próprio elemento teórico do que se pretende ensinar/aprender se apresenta como uma dificuldade, devido à "falsa distinção entre ciência teórica e ciência prática, com o consecutivo elogio da última e menosprezo sistemático da primeira" (RAMÓN Y CAJAL, 1979, p. 16). Esse tipo de compreensão é importante para o ensino de Teorias da Comunicação, pois os estudantes devem ter a capacidade de compreender e aplicar as teorias na compreensão da atualidade, ainda que as teorias tenham sido, em grande parte, desenvolvidas muitas décadas atrás. Isso revela o problema intrínseco ao ensino de teorias (mas não exclusivo): estabelecer a relação entre a teoria e sua aplicação na realidade, bem como entender como essa realidade tenciona os aparatos teóricos.

As teorias não devem ser tratadas simplesmente como "esquemas-modelos" (RUSSI-DUARTE, 2010, p. 101) ou caixa de ferramentas (MARTINO, L. C., 2006, p. 27) e sim como "ações conceituais" (RUSSI-DUARTE, 2010, p. 101).

Como afirma Vera França e Paula Simões (2016, p. 11), no que diz respeito ao ensino de teorias, "A sensibilização para o conhecimento deve ultrapassar qualquer visada utilitarista: "servir", elas não servem para nada. Não conhecemos "para", conhecemos "por"".

As teorias não são estruturas fechadas e imutáveis (GOODE, HATT, 1989), mas ao contrário, estão em constante mudança, pois a realidade está em mudança. Como afirma Russi-Duarte (2010, p.101), "o deslocamento de t1 (hipodérmica) para t2 (dois estágios) não é mecânico e, quando estudado-ministrado, demanda uma compreensão de fundo: de progresso científico". Ou seja, não se tratam de teorias isoladas, mas de entender seu progresso ao longo do tempo e sua modificação em conjunto com a sociedade.

Mas quais teorias um professor de Teorias da Comunicação leciona para os seus estudantes? Como faz essa seleção?

Os livros de teorias nos dão acesso ao domínio do conhecimento e é a partir deles que podemos ter a representação de que existem realmente teorias da comunicação. Mas livros sobre teorias da comunicação só apareceram na década de 60, sendo o primeiro deles o de Melvin Defleur *Theories of Mass Communication* (1966). Quando o livro de DeFleur chegou às prateleiras das livrarias, diversas proposições teóricas consideradas clássicas como a Teoria Hipodérmica, Teoria dos Dois Estágios e Escola de Frankfurt, para dar alguns exemplos, já haviam se estruturado há muitos anos.

Mas o próprio nome "Teoria da Comunicação" nunca foi consenso. Esta nomenclatura foi utilizada principalmente nos livros de origem americana com o próprio livro de DeFleur e outros, como Teoria da Comunicação Humana, de Frank X. Dance, Fundamentos teóricos da comunicação humana, de Stephen Littlejohn e Teoria Matemática da Comunicação, Claude Shannon e David Weaver (1975) (MARTINO, L. M. S., 2010).

Segundo Luís Mauro Sá Martino, nos primeiros livros de autores brasileiros de Teorias da Comunicação, além de não ser empregada de forma contundente a nomenclatura "Teorias da Comunicação" (optando-se por expressões como "teoria da informação" ou a nomenclatura de disciplinas universitárias como "fundamentos

científicos da comunicação"), agrupava-se "um conjunto bastante grande de saberes, vindos de áreas diversas" (MARTINO, L. M. S., 2010).

Ou seja, o problema sobre os contornos do campo da comunicação, que perpassam desde a definição do conceito de comunicação até do objeto de pesquisa, são refletidos e refletem nos livros de Teorias da Comunicação.

Uma das formas clássicas de apresentação do campo comunicacional, tanto em sala de aula quanto nos livros de teorias da comunicação, é a partir de um "levantamento das teorias (ver, por exemplo, WOLF, 1995) ou pela discussão de alguns problemas-chave (MCQUAIL, 1994) ou pelas pesquisas realizadas (KATZ, 1999)" (MARTINO, L. C., 2006, p. 47).

Segundo Luís Mauro Sá Martino (2010), na sua análise feita dos livros de Teorias da Comunicação até 1986 (PIGNATARI, 1967; MELO, 1971; REVISTA DE CULTURA VOZES, 1971; REVISTA DE CULTURA VOZES, 1972; SÁ, 1973; MOREIRA, 1979; BELTRÃO, 1982; BELTRÃO e QUIRINO, 1986), "as abordagens são temáticas, sem divisão entre 'escolas' ou 'teorias'".

Devido a esse cenário é que nos concentramos nos livros que procuram fazer um "levantamento das teorias" ou *teorografos*, como nomeia Martino. Em resumo, "autores/obras que não são produtores de teorias, mas que apresentam, organizam, sistematizam as teorias de um domínio de estudo" (MARTINO, L. C., 2007, p. 18). Queremos, desta forma, questionar o que faz uma teoria ser da considerada uma Teoria da Comunicação. Quais são os critérios de pertinência que levam à seleção e à exclusão de determinadas teorias como sendo do campo comunicacional?

A análise das obras de Teorias da Comunicação

Para esta pesquisa, selecionamos três (3) livros teorografos publicados depois de 2008[3]. São eles: *Teoria da Comunicação* de Luís Mauro Sá Martino (2014), *Curso Básico de Teorias da Comunicação* (2016) de Vera F. França e Paula G. Simões e, por último, *As Teorias da Comunicação* do professor Francisco Rüdiger (2011).

[3] Definimos este período, pois a pesquisa recente de Luís Mauro Sá Martino (2010) contemplou pesquisa dos livros de 1998 até 2008 escrita por pesquisadores(as) brasileiros(as).

Existem várias possibilidades de análise destes livros: a) o conceito de comunicação; b) o conceito de teoria; c) o conceito de teoria da comunicação. Nosso objetivo é uma quarta análise, qual seja, queremos compreender de que forma estes livros/autores estabelecem critérios de seleção de autores/teorias/modelos para compor um livro de coletânea de tradições do campo comunicacional.

1) Luís Mauro Sá Martino – Teoria da Comunicação (2016)

O primeiro livro a ser analisado é o de Luís Mauro Sá Martino, publicado em 2014 sob o título *Teoria da Comunicação: Ideais, Conceitos e Métodos*. Luís Mauro indica que sua seleção de teorias para compor o livro tinha como foco apresentar "[...] algumas das principais teorias da Comunicação para pesquisadores e estudantes da área" (2016, p. 11). Essas principais teorias são, na verdade, o que o autor denomina de "clássicos" "usados no universo acadêmico anglo-saxônico" (2016, p.12).

O autor se preocupa em explicar o problema das fronteiras e definições do que são as teorias da comunicação. Para ele, "Definir 'Teoria da Comunicação' depende muito do livro que se está lendo" (2016, p.13). Ao discutir o conceito de comunicação, Luís Mauro apresenta o que as teorias da comunicação deveriam discutir:

> [...] é uma área que constrói seu objeto ressaltando o aspecto comunicativo de qualquer relação social, uma perspectiva que ocupa espaço na paisagem acadêmica por identificar a possibilidade de um objeto único e múltiplo ao mesmo tempo. (2016, p. 14)

Apesar da pluralidade de teorias, segundo o autor, é possível encontrar um ponto em comum que seria a "preocupação de vários autores em pensar a realidade a partir das relações de comunicação ou, mais ainda, como as relações de comunicação podem se articular com as relações sociais." (2016, p.14). Assim, o posicionamento do autor seria o de selecionar autores que colocaram destaque nos elementos da comunicação em suas pesquisas.

No entanto, parece que o referido autor deixa de lado esse posicionamento inicial, uma vez que a diversidade do livro aponta a sua opção de incluir autores, escolas, que "se estendem dos estudos sobre a linguagem às fronteiras da teoria social" (2016, p. 14). E até mesmo "temas". Como ele afirma, "Foram incluídos temas e autores que, se não estão diretamente ligados à mídia, auxiliam a pensar o contexto social tendo como elemento central." (2016, p. 15).

Além disso, o foco está, na verdade, "no que se fala na comunicação". Nesse sentido, o estabelecimento de um critério de seleção se transforma em tarefa secundária. "Nomes, ideias e conceitos circulam o tempo todo, e este livro foi planejado para mostrar sobre o que se fala nos Estudos de Comunicação" (2016, p. 15)

A pretensão do autor em estabelecer critérios mais firmes em relação ao que seriam as teorias da comunicação acaba não se concretizando, pois ele mesmo não os segue; haja vista que não faz uma diferenciação entre teorias "da" comunicação (sentido de pertencimento forte) e teorias "sobre" a comunicação. Em suma, iguala a discussão de um tema que pode ser debatido por qualquer disciplina (por exemplo, televisão) e a discussão a partir de um ponto de vista que seria mais comunicacional. "Nesse sentido, os autores escolhidos nem sempre são da área de Comunicação, mas suas ideias foram amplamente utilizadas no estudo do tema e/ou dedicaram vários estudos ao assunto" (2016, p. 15)

Dessa forma, o critério se transforma numa competição de popularidade no campo comunicacional e este mesmo critério tem que ser relativizado (ou boa parte dos denominados "clássicos" poderiam ser excluídos).

> Os estudos clássicos ganharam espaço na medida em que foram não apenas responsáveis por definir as linhas de estudo, mas também porque colocaram as principais perguntas, muitas delas ainda desafiando os pesquisadores. (2016, p. 15)

Conclui-se que, apesar da preocupação do autor com as definições e de sua crença no sentido de que a falta destas prejudica o campo comunicacional, o resultado é uma seleção de teorias e outros elementos para além das teorias, sem o estabelecimento de um critério mais concreto.

Ainda assim, mais recentemente, Luís Mauro Sá Martino tem expandido ainda mais a sua discussão epistemológica acerca do que consistem as denominadas Teorias da Comunicação em outras publicações. Ou seja, este continua sendo um tema de grande interesse para o autor.

2) Vera F. França e Paula G. Simões - Curso Básico de Teorias da Comunicação (2016)

Escrito por Vera F. França e Paula G. Simões, o livro é resultado de um projeto iniciado 2001 pela professora Vera França com seus estudantes monitores da disciplina

de Teorias da Comunicação; dentre eles, Paula Simões, que viria a ser sua colega e compartilharia a autoria do livro.

Segundo as autoras, "o sumário do livro de Teorias da Comunicação hoje não apresenta grandes surpresas; no entanto, cada um reflete uma forma de trilhar o caminho e interpretar as escolhas." (2016, p.10).

> Hoje, essa proposta já não apresenta uma novidade; para qualquer estudioso da Comunicação em nossos dias, os conteúdos que um livro de Teorias da Comunicação deve apresentar são esperados e bastante consensuais. (2016, p.10)

Em suma, a divergência e pluralidade de teorias ditas "Da Comunicação" foram superadas aos poucos desde os primeiros livros de Teorias da Comunicação.

> De tal maneira que aquilo que chamamos "Teorias da Comunicação", principalmente em seus primórdios, apresenta-se como um corpo heterogêneo, descontínuo e mesmo incipiente de proposições e enunciados sobre a comunicação, fruto de investigações oriundas das mais diversas filiações (Sociologia, Antropologia, Psicologia, entre outras, cada uma refletindo o olhar específico e o instrumental metodológico de sua disciplina de origem). (2016, p. 32)

Apesar de um aparente consenso, um dos aspectos interessantes do livro se dá na discussão sobre como historicamente os livros de teorias da comunicação foram organizados em seções e divisões.

Segundo França e Simões (2016), podemos perceber alguns modelos de divisões: a) Dois blocos hegemônicos; b) origem disciplinar da tradição; c) filiação à corrente de pensamento macro; d) geográfica; e) institucionalização acadêmica; f) temático.

a) Dois blocos hegemônicos. Para as autoras, havia no período pós-guerra e da Guerra Fria uma divisão entre dois blocos, o primeiro denominado de paradigma da ordem, desenvolvido pela pesquisa administrativa, e o paradigma do conflito, ligado à perspectiva crítica de viés marxista.

b) Origem disciplinar da tradição. Outra maneira de divisão foi refletir a origem disciplinar da pesquisa dividindo o livro em capítulos como sociologia da comunicação, psicologia da comunicação entre outras.

c) Filiação à corrente de pensamento macro. O agrupamento por filiação também já foi experimentado como, por exemplo, a divisão em funcionalista (ou positivista), marxista, estruturalista e afins. Para as pesquisadoras, esse tipo de divisão sofre do

problema da grande quantidade de concepções, tendências internas e seus desdobramentos.

d) O geográfico é outro método apontado pelas autoras, referindo-se às divisões feitas a partir das origens geográficas, como pesquisa americana, francesa, latino-americana. Segundo elas, "Esse sistema, que facilita a contextualização sócio-histórica dos estudos, tem o inconveniente de encobrir tendências distintas e, às vezes, criar uma falsa unificação" (2016, p. 41)

e) Institucionalização acadêmica. Centros de pesquisa, institutos e universidades é uma divisão que mantém a especificidade de algumas tradições, mas restringe outras que se desenvolveram de forma descentralizada.

f) Temático. Agrupamento temático é o último tipo de divisão apresentado pelas autoras. Esta divisão pode ser feita a partir do polo de produção, recepção, emissão, suporte entre outros. Ou ainda "uma abordagem mais global e macroscópica, enfocando a inserção da comunicação na sociedade, as diversas interfaces que ela estabelece com outras áreas (como a política, educação, cultura)" (2016, p. 42).

Então, como Vera França e Paula Simões propõem um critério de seleção para o seu livro de Teorias da Comunicação? Primeiro, uma divisão geográfica por continentes e países; e dentro de cada um destes selecionados a apresentação de correntes e agrupamentos distintas. Em seguida, "procuramos estabelecer um mapeamento de temáticas específicas que não deram origem a escolas propriamente ditas, mas foram tratadas por autores solados, em lugares e contextos distintos." (2016, p.42)

As teorias estão assentadas em paradigmas, que são modelos ordenadores, concepções de fundo que estruturam o desenvolvimento das teorias. A avaliação das autoras é que, enquanto as pesquisas foram se desenvolvendo de forma diversa e numerosa, o paradigma comunicativo, ou seja, a reflexão epistemológica, avançou pouco.

Em resumo, as autoras explicam a estrutura da divisão das teorias (geográfica em conjunto com correntes teóricas), mas acabam não explicando como escolheram as teorias que iriam compor o livro. Ou seja, dentro da divisão estipulada, a partir de qual critério selecionaram as determinadas teorias?

3) Francisco Rüdiger - Teorias da Comunicação (2011)

Nosso último livro é o do professor Francisco Rüdiger, denominado Teorias da Comunicação, publicado em 2011. Para Rüdiger, o conjunto de disciplinas, que estiveram desde o início das pesquisas em comunicação, ajudou a dar forma a este domínio de estudos.

O autor aponta que muitas propostas de estudos sobre comunicações mediadas acabam deixando de lado o elemento essencial de uma pesquisa de comunicação ao focarem nos aspectos econômicos, políticos, culturais entre outros, mas não nos aspectos comunicacionais, "sua dimensão comunicativa". Em síntese, essas que não dão a devida atenção aos aspectos comunicacionais não poderiam ser situadas dentro do domínio das Teorias da Comunicação (2011, p.10).

Para selecionar as teorias que compõem seu livro, o autor apresenta um conceito de teoria julgado como restrito, pois pretende excluir modelos metodológicos e "programas de pesquisa" que muitas vezes são confundidos com teorias.

> Do nosso ponto de vista, os conceitos de comunidade de recepção, newsmaking ou agenda-setting, por exemplo, não têm significado teórico puro. Constituem construtos metodológicos de projetos de pesquisa empírica, cujo embasamento se encontra, no caso, ora em uma descrição etnográfica, ora em uma sociologia do conhecimento. (2011, p. 11)

Em seguida, afirma "Neste texto, a expressão teoria refere-se, portanto, exclusivamente à reflexão conceitual sobre a estrutura e o sentido do que se chama de comunicação..." (2011, p.11)

Além desse conceito restrito, o autor desenvolve outro critério para o afastamento da Semiótica como uma Teoria da Comunicação e com isso, ausente do seu livro.

> Em nosso modo de ver, essa disciplina representa um saber desprovido de autonomia material, do ponto de vista científico. A semiótica constitui uma metodologia de estudo dos discursos sociais, que se forma no cruzamento de conceitos provenientes da linguística, da filosofia e das teorias da sociedade. (2011, p. 11)

Outra exclusão é fruto do próprio conceito de comunicação estabelecido pelo autor. Primeiro, excluindo-se a comunicação animal e focando nos estudos que se relacionam com as "teorias da sociedade"; e, em seguida, excluindo a discussão do aspecto biológico da comunicação.

> A matéria está dividida em seis partes, que procuram sistematizar as perspectivas filosóficas, conceituais e históricas do estudo da comunicação, conforme o ponto de vista das teorias da sociedade. A perspectiva explica porque se deixou de fora, por exemplo, o contributo teórico da Escola de Paio Alto (ver Winkin, 1981).” (2011, p. 8)

Rüdiger é cético em relação a situação da Comunicação enquanto campo autônomo do conhecimento. Devido a isso, a sua seleção de teorias da Comunicação é feita a partir do prisma de uma teoria da sociedade. Ele afirma:

> A comunicação não é uma ciência, mas um campo de estudo multidisciplinar, cujos métodos de análise não têm qualquer especificidade e foram desenvolvidos pelos diversos ramos do conhecimento filosófico, histórico e sociológico.” (2011, p. 17)

Uma vez frisado este aspecto, Rüdiger desenvolve um sumário dividido em 6 partes: 1) Fundamentos gerais da problemática teórica da comunicação; 2) A Escola de Chicago e o interacionismo simbólico; 3) O paradigma funcionalista; 4) O paradigma materialista; 5) A Escola de Frankfurt: Jürgen Habermas; 6) Wiener, McLuhan e herdeiros: o paradigma midiológico.

Em suma, não é explicado que critério foi utilizado para escolher estes autores/escolas para fundamentar um livro denominado “Teorias da Comunicação”. Ficamos sem saber se a popularidade destas tradições no campo, ou se são olhares multidisciplinares sobre o tema comunicação foi o critério utilizado para esta seleção.

Considerações finais

L. C. Martino, em pesquisa sobre os livros de teorias da comunicação no universo de língua espanhola, revelou que nenhuma teoria aparece em todos os livros. E quase 2/3 das teorias apresentadas aparecem em apenas uma obra; ou seja, elas não tem correspondência com outro livro de teorias (2006).

Poderíamos levantar a hipótese de que isso acontece especificamente na língua espanhola, mas não é o que apresenta Luiz Claudio Martino e também Luís Mauro Sá Martino. Segundo pesquisa realizada por L. M. S. Martino (2008), nos 11 livros de Teorias da Comunicação lançados entre 1998 e 2008, são apresentados 43

autores/escolas/modelos dos quais apenas 10 são citados em mais de um livro. Em suma, 23,35% aparecem em mais de um livro. O tal consenso apresentado por Vera França e Paula Gomes parece não ser tão consenso.

São o Funcionalismo, Escola de Frankfurt e Marshall McLuhan que aparecem em 100% das obras pesquisadas por L. M. S. Martino (2008), estabelecendo, portanto, uma unidade teórica. Percebe-se, que este consenso também demonstra uma outra faceta do problema. Os autores(as) do funcionalismo e da Teoria Crítica "não se identificavam prioritariamente como 'teóricos da comunicação'" (2008, p. 114).

A maioria das teorias apresentadas como teorias da comunicação nos livros de teorias da comunicação não reivindicam para si tal título. Nós é que as colocamos como pertencentes a esta área do conhecimento. Nesse sentido, fica claro que não é a produção de teorias que dá visibilidade à existência de fato das teorias da comunicação, mas é justamente a sistematização das teorias que exerce tal impacto (MARTINO, L. C., 2007).

É a partir dos livros de teorias da comunicação que sabemos qual é composição teórica da área. Nossa falta de discussão sobre a) o problema da autonomia da Comunicação como área do conhecimento; b) do conceito de comunicação; c) conceito de teoria e; d) critérios de seleção e exclusão das teorias compõe um cenário no mínimo confuso. Confuso para os pesquisadores e professores dos cursos de Teorias da Comunicação e, principalmente, para os nossos estudantes.

O que percebemos nesta breve análise de três obras atuais teorográficas é que há uma tentativa de construção de um texto mais preocupado com as fronteiras, limites e problemas do campo comunicacional. Mas, ainda assim, o desenvolvimento dos critérios de seleção das teorias é vago. Não temos uma noção muito precisa do que é uma teoria da comunicação e não estabelecemos critérios bem definidos de pertencimento das teorias ao campo da Comunicação.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, L. e QUIRINO, N. **Subsídios para uma teoria da comunicação de massa**. São Paulo, Summus, 1986.

BELTRÃO, L. **Teoria geral da comunicação**. 3a. edição, Brasília, Thesaurus, 1982

DEFLEUR, M. L.. **Theories of mass communication**. New York, D. McKay, 1966.

FRANCA, V. R. V.; SIMOES, P. G. . **Curso Básico de Teorias da Comunicação**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. v. 1.

GOODE, W. J.; HATT, P. K.. **Métodos em pesquisa social**. São Paulo: Ed. Nacional, 1989.

JOURNAL OF COMMUNICATION. Special issue "Ferment in the Field", vol. 33, no. 3, 1983.

KATZ, E. "A propos des médias et de leurs effets", In: SFEZ, L. (org.) **Technologies et Symboliques de la Communication**. Colloque de Ceresy 1988 Press Universitaire de Grenoble, 1990, pp. 275-282 (Tradução para o português de L.C. Martino, mecanografado, Brasília, 1999).

LIPPMANN, W.. **Public opinion**. New York, Harcourt, Brace and Co. 1922.

MARTINO, L. C.. "Abordagens e Representação do Campo Comunicacional". **Comunicação, Mídia e Consumo** (São Paulo), v. 3, p. 33-54, 2006.

MARTINO, L. C.. Teorias da Comunicação: O Estado da Arte no Universo de Língua Espanhola. In: **XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. INTERCOM. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação., 2006, Brasília. CD ROM, 2006.

MARTINO, L. C.. Uma Questão Prévia: exitem teorias da comunicação?. In: Martino, Luiz C.. (Org.). **Teorias da Comunicação**: Muitas ou Poucas?. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007, v. 1, p. 13-42.

MARTINO, L. C.; BERGER, C. R. ; CRAIG, R. T. . Teorias da Comunicação: Muitas ou Poucas?. 1. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007. v. 1. 138p .

MARTINO, L. M. S.. A ilusão teórica na Comunicação. In: COELHO, C. N. P.; LIMA, W. T.. (Org.). **Comunicação**: diálogos, processos e teorias. 1ed.São Paulo: Plêiade, 2010, v. 1, p. 15-39.

MARTINO, L. M. S.. **Teoria da Comunicação** - Ideias, escolas e métodos. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2016. v. 1. 250p .

McQUAIL, D.. **Mass Communication Theory. An Introduction** (3rd ed.). London: Sage Publications, 1994.

MELO, J. M.. **Comunicação social**: teoria e pesquisa. Petrópolis, Vozes, 1971.

MOREIRA, R.. **Teoria da comunicação**: ideologia e utopia. Petrópolis, Vozes, 1979

PIGNATARI, D.. **Informação. Linguagem. Comunicação**. São Paulo, Perspectiva, 1967.

RAMÓN Y CAJAL, S.. Preocupações do principiante. In: **Regras e conselhos sobre a investigação científica**. 3a ed. São Paulo: EDUSP; 1979.

REVISTA DE CULTURA VOZES. Escolas de Comunicação e Profissionalização. Petrópolis, Vozes, Ano 66, , Vol. 66 no. 8, Outubro 1972.

REVISTA DE CULTURA VOZES. Teoria da Comunicação. Petrópolis, Vozes, Ano 65, Vol. 65 no. 9, Novembro 1971.

RÜDIGER, F.. **As Teorias da Comunicação**. Porto Alegre: ArtMed, 2010. 150p .

RÜDIGER, F.. Epistemologia 'da' comunicação: elementos para a crítica de uma fantasia acadêmica. **Revista FAMECOS** (Online), v. 21, p. 395-417, 2014.

RUSSI-DUARTE, Pedro. Por que ensinar Teoria (da Comunicação)?. In: Giovandro Marcus Ferreira; Antonio Hohlfeldt; Luiz C. Martino; Osvando J. de Morais. (Org.). **Teorias da Comunicação. Trajetórias investigativas**. 1ed.Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010, v. 1, p. 95-115.

SÁ, Adisia (org.) **Fundamentos científicos da Comunicação**. Petrópolis, Vozes, 1973.

SCHRAMM, Wilbur. **The Science of Human Communication**. New York: Basic Boob, 1963.